

Um corpo todo ouvido: compondo e aninhando outros movimentos.

Carmem Machado*
Marta Catunda **

14

Resumo: Nosso trabalho apresenta o resultado de práticas, pedagógicas e sociais realizadas com diversos Grupos de Estudos e Pesquisa, Escolas, ONGs entre outras. A experiência aqui descrita como Oficinas de Sensibilização está focada em atividades com o corpo e com a audição. Essas oficinas foram experimentadas com os e as participantes do curso de capacitação “Práticas Sociais e processos comunitários” realizados em 2013 e 2014, no contexto da participação do Grupo de Pesquisa Perspectiva Ecológica de Educação da Universidade de Sorocaba na Rede Latino-americana e Europeia de Trabalho Social Transnacional (RELETRAN). Dessa experiência escolhemos uma das Oficinas, para relatar neste texto.

Palavras-chave: corpo, audição, sensibilização, educação ambiental.

Abstract: Our study presents the results of practice, educational and social performed with a variety groups Research and Studies, Schools and others. The experience here described as sensitization workshops are focusing on activities with the body and with the hearing. These workshops were experimented with and participating of the training course “Social Practices and community processes” performed in 2013 and 2014 in connection with the participation of the Research Group Ecologist Perspective of Education, University of Sorocaba in the Latin American Network and European Transnational Social work (Reletran). From this experience we chose one of the workshops, to report on this text.

Key-words: body, hearing, awareness, environmental education.

Passarinho

(Marta Catunda, 2014)

*Eu sonhei que um passarinho
Foi chegando de mansinho
Dentro do meu coração*

*Com folhinhas e carinho
Bem desperto fez seu ninho
Sem aviso ou intenção*

*Mais uma dia o pequenino
Desejou tanto voar!*

*Foi pousar imprevidente
No seu peito de repente
De lá se pôs a cantar*

*Você me quer, você me quer!
Eu te quero, quero-quero!
Você me quer, você me quer!
Eu te quero, quero-quero!*

* Doutoranda em educação, bolsista CAPES, Universidade de Sorocaba, SP- Brasil. E-mail: karmemmachado@yahoo.com.br

** Doutora em Educação e pesquisadora de Pós Doutorado, PNPd- CAPES, Universidade de Sorocaba, SP- Brasil. E-mail: martacatunda@gmail.com

Nosso trabalho é resultado de práticas, pedagógicas e sociais aqui descritas como Oficinas de Sensibilização focadas em atividades com o corpo e com a audição. Essas oficinas foram experimentadas com os e as participantes do curso de capacitação “Práticas Sociais e processos comunitários” realizados em 2013 e 2014, no contexto da participação do Grupo de Pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação da Universidade de Sorocaba na Rede Latino-americana e Europeia de Trabalho Social Transnacional (RELETRAN).

Essa rede foi criada com o objetivo de promover a cooperação, intercâmbio e produção de conhecimentos envolvendo universidades e organizações em diferentes países, com o apoio do Projeto Alfa da União Europeia e tinha como objetivo experimentar e produzir conhecimentos que envolvessem e colocassem em diálogo diferentes conhecimentos e saberes. O trabalho foi realizado em uma dessas oportunidades e seguia uma dinâmica nômade. Em cada local uma atividade de educação ambiental diferenciada foi oferecida para os participantes do curso do RELETRAN. Estabelecendo uma ampliação e um diálogo direto do que então conhecíamos como movimentos sociais e ambientais da cidade de Sorocaba, onde vivíamos e onde praticamos nosso trabalho docente. Apresentamos aqui, uma destas experiências dividida em duas partes, sendo a primeira denominada o Processo e a segunda Caminhos.

O processo

Em “*Processo*” descrevemos como as atividades desenvolvidas nas Oficinas de Sensibilização, juntamente com a sistematização das Técnicas coreográficas de Klaus Vianna que tem por objetivo aprender a escutar e respeitar o próprio corpo, buscando através dele “estar presente” em suas sensações acordado, enquanto executa o movimento, atento e sentindo, assistindo, tornando-se um espectador do próprio corpo. Dessa forma foi proposto inicialmente aos participantes do curso que criassem uma “partitura corporal” com os movimentos que haviam suscitados em seus corpos durante a experimentação inicial. Para a criação

dessa partitura, apresentamos propostas de movimentação e conscientização corporal partindo do metatarso e da cintura escapular.

Num segundo movimento, relacionado com o percurso dos pássaros na construção dos seus ninhos, foram escolhidos por nós duas espécies: o Beija-flor (*hylocharis chrysura*) e a Japuira (*cacicus chrysopterus*). Contamos aos participantes como cada uma dessas espécies se organizava para fazer seus ninhos, sua relação no ambiente de vida e seu temperamento do ponto de vista do observador.

A Japuira, tece um ninho fechado trançado com folhas de palmeira, gravetos e capim áspero. Com seus bicos em forma de agulha, vai tricotando e amaciando os capins para confeccionar um ninho que parece uma sacola pendente, com um pequeno orifício de entrada. Conversamos sobre acontecimentos onde e quando o burburinho é mais importante que o significado do que está sendo dito. Um burburinho anárquico, o som da vida em seu estado caótico. Momento profuso de um grupo, onde tudo está para ser criado e todas as possibilidades são dadas, abertas, misturadas neste emaranhado de frequências de ondas sonoras. Nos reporta ainda, a atividade de comunicação livre onde e quando nos comunicamos por risos, gestos, balbucios.

Já o Beija-flor faz um ninho discreto e pequenino em forma de tijela, ou chapéu de bruxa, escondido entre galhos e folhas duras e volumosas que são escolhidas especialmente por servirem de camuflagem. Uma verdadeira obra sob medida, que demora em torno de dezoito dias para ser tecida com: paina criteriosamente selecionada, revestido de musgos (com atenção a cor dos mesmos que devem combinar com a cor dos ovinhos para que fiquem melhor escondidos dos predadores). Também usam líquens, delicadamente colados com a saliva, entremeados com teias de aranha também escolhidas em vários lugares diferentes indicando uma preocupação espantosa com a qualidade do tecido e do revestimento. Detalhes que conferem ao ninho elasticidade, durabilidade,

maciez, camuflagem e conforto térmico. Notável é a importância do silêncio ao tecer esse ninho. Geralmente só a fêmea se dedica a este esmero, mas, existem algumas espécies de beija-flores onde o macho também se envolve na tarefa de construção dos ninhos. Nota-se em uma faina diária, quando atraídos por flores que o beija-flor percorre um imenso trajeto para alimentar-se. O uso de sua velocidade e a capacidade de conservação energética da espécie está sendo por isso mesmo, estudado para auxiliar nas doenças que provocam perda, ou desgaste de energia. Ela indica um rigoroso controle sobre o gasto de energia que não é comparável com nenhuma outra espécie.

Durante a experimentação foi solicitado que cada participante do curso “Práticas sociais e processos comunitários” observasse os próprios movimentos que estavam surgindo em seu corpo, e que observassem se esses movimentos eram mais abertos ou fechados, mais fluídos numa sequência quase coreográfica relativos a construção de seus ninhos. Percebendo o tempo e a própria duração da tarefa de construção de cada ninho.

A partir desse contato com o seu próprio corpo e com o corpo do outro, os participantes foram convidados a dialogar corporalmente com a música e com o som da craviola¹. Os participantes foram divididos em dois grupos de tal modo que, cada pessoa pode escolher o ninho aberto ou fechado de acordo com a sua pesquisa de movimentos. Foram oferecidos pedaços e retalhos longos e finos, alguns emaranhados de tecidos para a construção da partitura corporal que terminaria na coreografia coletiva de construção/ocupação do ninho. Esse movimento é pleno de significados sobre as nossas relações na construção de bens coletivos, como por

exemplo, a casa (o mundo, o ambiente, a comunidade) em que vivemos. O fazer junto, o planejamento, a distribuição das tarefas, peso, habilidades enfim as qualidades de cada um a serviço do grupo agindo em conjunto.

A música foi especialmente composta por Marta Catunda para este trabalho cuja letra aparece no início deste texto. Foi executada por ela enquanto os e as participantes do curso realizavam as atividades propostas. Ao final da atividade os participantes notaram que a relação com o ambiente e com os movimentos corporais e relataram que a música, influenciava nas escolhas dos materiais, na construção dos ninhos, na escolha do grupo e na criação da partitura corporal.

Para nós, educadoras/ecologistas a proposta pedagógica é uma possibilidade em permanente construção e é a partir dela que somos convidados a pensar em outras possibilidades pedagógicas e sociais que nos faça refletir a transitoriedade do processo comunicativo. Essa proposta pedagógica que experimentamos no curso práticas sociais e processos comunitários se conecta com a pedagogia freireana e outros referenciais epistemológicos pós-estruturalistas. Evidenciamos, sobretudo que a prática pedagógica e social pode ser também experiência artística, ou seja a interpretação que fazemos é que são práticas em processos de encontros comunitários, com o outro e consigo mesmo, que motivam a expressão, a arte do corpo, os sentidos e a percepção sobre a nossa presença no mundo. Não se trata de uma metodologia pronta mas, linhas metodológicas que permitem conexão com outras práticas e ou reinvenção das mesmas.

Caminhos

Com sintonia muito próxima de nossas pesquisas, nos diálogos cotidianos do Grupo de Estudo em Perspectiva Ecologista da Educação, as habilidades e expectativas em relação às atividades artísticas encontraram caminhos de experimentação, de criação. Foi através dos seminários apresentados em disciplinas da Pós Graduação que percebemos que estávamos Tateando por territórios vizinhos.

¹ Instrumento de doze cordas brasileiro concebido pelo compositor instrumentista Paulinho Nogueira, cuja sonoridade e a afinação expressa o som da viola caipira brasileira e do cravo instrumento erudito. Assim, foi concebido como um instrumento próprio para transitar entre a música erudita e a música popular brasileira.

Nestas oportunidades descrevemos os conceitos e teorias que nortearam as atividades, bem como os resultados significativos desse exercício que observa, reconecta e reafirma as relações entre corpo (movimento) e sentido (audição).

A base teórica, política e pedagógica que sustenta nosso trabalho é a pedagogia freireana em conexão com o que tem sido definido por Marcos Reigota como perspectiva ecologista de educação, perspectiva essa que busca ampliar e contextualizar a ecosofia de Félix Guattari. Nossos referenciais foram ampliados com os estudos de Klauss Vianna (2008) e de Jussara Miller (2007) sobre o que definem como “escuta do corpo” e com as contribuições de Mary Jane Paris Spink, Vera Mincoff Menegon e Benedito Medrado (2014) sobre as oficinas com grupos entendidas como práticas de produção de conhecimentos e significados. Ao considerarmos as referidas oficinas também como possibilidades políticas, sociais, ecológicas e pedagógicas de experiências de/ com criação artística apoiadas no “paradigma eco-ético-estético” de Guattari (1992 b), foi possível construir, coletivamente, partituras corporais e paisagens sonoras.

Marta, elabora no Pós Doc PNP/CAPEs – UNISO pesquisas com Oficinas de Cartografia dos pássaros no Cotidiano Escolar e nos processos de aprendizagem. Essa leitura é feita a partir de um mapa que convida a um devir pássaro, num trajeto acompanhado por um roteiro som/música. O intento é provocar uma escuta sensível, ampliar a percepção de territórios sonoros e musicais, consistir sutilezas do ouvir, desenvolver e ampliar a percepção da ecologia através do movimento dos pássaros, seus territórios e algumas características que revelam. Dependendo do objetivo muda a cartografia da atividade proposta. Esta pode auxiliar na afirmação de desejos de invenção singulares e coletivos e a produção de mundos próprios que Félix Guattari (1990) evidenciou no conceito de ecosofia, das três ecologias em três registros: as relações com o ambiente, as relações sociais e a subjetividade.

Na cartografia proposta à intenção a partir de um mapa, constituir um trajeto indicado para as características ecológicas dos pássaros. O objetivo de proceder interpretações, do ouvido, do corpo, da visão, do tato, mais subjetivas das três ecologias imbricadas em uma experiência rizomática. O Mapa se desdobra em linhas verticais, horizontais, transversais e pontos em branco (de intenção) numa tentativa de se aproximar da complexidade e multiplicidade de relações possíveis entre a ecosofia e a ecologia fluente dos pássaros.

Carmem atuando no Ensino Fundamental e Médio, com práticas pedagógicas e artísticas, busca ampliar neste cotidiano escolar o contato dos estudantes com a arte abrindo para as possibilidades, que a arte contemporânea pode trazer. Por meio de estímulos corporais, ela vai transformando o cotidiano escolar num campo aberto de alternativas existenciais, ambientais e políticas através de uma abertura que possibilita o diálogo corporal, a fala e a expressão artística de modo geral nesse ambiente que é tão ávido a movimentação. Sua sala de aula é um laboratório sem mesas e carteiras, um lugar político de negociação/ expressão um território inventivo. Atualmente no curso de Doutorado das Universidade de Sorocaba (UNISO), coloca em experimentação as crônicas de Milton Hatoum para transformá-las em práticas discursivas e corporais. Desenvolve Oficinas em Dança Contemporânea e Expressão Corporal, Performances entre outras atividades artísticas com Grupos locais de Sorocaba e Salto de Pirapora atuando ora como mediadora e também como artista.

Para (Spink, et al. 2014:34) as Oficinas podem ser utilizadas como estratégias de pesquisa teórica, o fazer junto evidencia o potencial crítico de negociação dos sentidos, dá visibilidade aos argumentos, posições, permite a construção de contrastes, versões diferenciadas sobre o mesmo assunto, jogos de verdade e processos de subjetivação. Promovem o exercício ético e político porque, ao mesmo tempo analisa-se o material gerado em trocas simbólicas, estas mesmas trocas provocam discussões mais amplas da temática proposta, gerando conflitos construtivos, com vistas ao

engajamento político transformador. É transformador porque tem que ser negociado, vivenciado nos conflitos, e nas escolhas. Ou seja, não se limitam ao registo da informação e a uma discussão teórica que ao final da aula termina. Ao contrário permitem a percepção do processo de sensibilização dos participantes, vivenciando conceitos e, como a convivência que nem sempre é harmônica, mas, pode inserir conexão de versões e vários sentidos sobre um dado tema que a maioria desconhecia, ou possuía apenas uma noção geral.

Uma característica que percebemos nas Oficinas do curso “Práticas Sociais e Processos Comunitários” é o impulso da iniciativa espontâneas de sugerir outras possibilidades, vão sendo negociadas tornando o instante do fazer mais lúdico, interativo, gerando conexões de cooperação, entre outras descobertas expressivas. Outro ponto que já foi mencionado no início deste artigo, é que os encontros do RELETRAN acontecem em diversos ambientes o que motiva a inserção sensível do espaço indicando suas potencialidades como parte do aprendizado comum do grupo. Cada lugar traz consigo uma transformação imediata da experiência formando contextos diferenciados.

Para Mary Jane Spink, Vera Menegon e Benedito Medrado (2014), três vetores são importantes e devem ser considerados (foco, plasticidade e política) compreensão teórica e dialógicas que permitem visibilidade, a construção e os deslocamento de versões diferentes sobre a realidade vivida de cada um. Permite ainda detalhar todo o processo: procedimentos e estratégias de ação. Também, o registro que se faz nessas ocasiões pode proceder estudos continuados, como um material, laboratorial de observação e pesquisa. Pode ainda ser utilizado para fins comunicacionais – fotográfico, videográfico, páginas em redes, entre outros (Spink, et al, 2014:34).

Quando se trabalha com um grupo focal (Ressel et al, 2008), o uso de estratégias de dinâmica de grupo para construção de sentidos não é uma mera técnica, que se

aplica de forma endógena mas, é algo que acontece no próprio processo relacional do grupo. Na proposta do Grupo Focal o pesquisador(a) professor(a) focaliza um tema específico e busca conduzir as produções discursivas do grupo em torno do tema. Não para afirmar consensos mas, para focalizar a multiplicidade plástica das próprias práticas discursivas. O contraste, o conflito e as diferenças entre os interlocutores não deve ser evitado. O próprio processo produz estes sentidos de deslocamentos, tensões e contrastes, simpatia, antipatia e movimenta tudo isso num jogo de negociação que se abre para possibilidades antes impensadas.

O grupo como construção social é um lugar construcionista do trabalho de pesquisa, seja pedagógico, ou terapêutico é percebido protagonizado por inúmeros autores como políticos e sociais heterogêneos. É um espaço que permite diversificar indefinidamente as práticas discursivas e também artísticas na sua amplitude expressiva e comunicacional.

Através da narrativa do outro, há uma reinterpretação dos diferentes repertórios de cada participante de um dado grupo, a heterogeneidade, vem à tona. Isso provoca uma negociação no contexto imediato da conversação. Uma diferenciação que se manifesta na compreensão de vários discursos instituídos: o escolar pedagógico, o médico terapêutico, governamental, o não governamental e de como estes se impõem diante de outros e já o artístico ao promover linhas diferenciadas presentes no próprio fazer artístico está em permanente processo. Assim pode-se situar melhor, redescobrir-se nestes vários cotidianos onde circula o pensar/fazer/criar em grupo.

No tempo presente de ressonância de experiências impossíveis de serem repetidas, adquire protagonismo no espaço público, acadêmico e comunitário, nossa narrativa sobre os movimentos fugazes dos corpos nos processos e ambientes de escuta. Concluímos com a observação que o projeto RELETRAN ao nos instigar a produzir conhecimentos, nos possibilitou também experimentar outras formas de interação social e de construção de subjetividades de pertencimento comunitário.



Referências

- CATUNDA, M. (2013). A B C dos encontros sonoros: entre cotidianos da educação ambiental. Tese (Educação e Cotidiano Escolar). Programa de Pós graduação em Educação: Universidade de Sorocaba – UNISO.
- FREIRE, P. (1997). A pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra.
- GUATTARI, F. (2001). As três ecologias. (11. ed.). Campinas: Papirus.
- _____. (1992 a). Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34.
- _____. (1992 b). Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade. Tempo Brasileiro, 108, 19-62.
- MACHADO, C. (2014). Inspiração conteúdo e leveza Pina Bausch adentra o cotidiano escolar. Dissertação (Educação e Cotidiano Escolar). Programa de Pós Graduação em Educação: Universidade de Sorocaba – UNISO.
- MARCONDES Filho, C. (2010). O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica. Nova Teoria da Comunicação, 3 (5). São Paulo: Paulus.
- MILLER, J. (2007). A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klaus Vianna. São Paulo: Summus Editorial.
- PROSDOCISMO, F. (2015). Genoma das aves. Entrevista. Instituto de Bioquímica da UFRJ. Obtenida el 18 de abril de 2016, de http://www.bioqmed.ufrj.br/genomas_das_aves
- RESSEL, L., Colomé Beck L.C., Rosa Gualda D. M., Hoffmann, I. C., da Silva, R. M., Sehnem G. D. (2008). O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. Contexto Enferm, 17(4), 779-86.
- SPINK, M. J., Menegon Mincoff, V., Medrado, B. (2014). Oficinas como estratégias de pesquisa: articulações teórico metodológicas e aplicações ético-políticas. Psicologia e Sociedade, 26 (1), 32-43.
- VIANNA, K. (2008). A Dança. São Paulo: Summus Editorial.